

Nesta palestra, Peter Pál Pelbart apresentou uma reflexão sobre o contexto contemporâneo a partir de uma perspectiva de leitura da filosofia com base na biopolítica. Diante dos fluxos dos acontecimentos recentes, construiu um mapa conceitual com o objetivo de discutir como as novas subjetividades desenham-se entre o “poder sobre a vida” e a “potência da vida”.



Biopolítica e Subjetividade

Relato da palestra de Peter Pál Pelbart¹

Peter Pál Pelbart desenvolveu uma reflexão sobre o contexto contemporâneo a partir de uma perspectiva de leitura da filosofia com base na biopolítica. As discussões sobre esse conceito emergem mais especificamente no pensamento de Michel Foucault, transpassam as proposições de Gilles Deleuze e Félix Guattari e são atualizadas em leituras mais recentes de Giorgio Agamben, Toni Negri, Maurizio Lazzarato, Michel Hardt, entre outros. Foi principalmente com esses filósofos que a palestra conversou, e uma organização preciosa desses pensamentos pode ser encontrada no livro *Vida Capital*, escrito por Peter em 2003. Se Agamben, Negri, Lazzarato e Hardt publicaram suas reflexões no final do século XX e no começo dos anos 2000, os acontecimentos mais recentes demandam uma urgência de releitura e reflexão. Na apresentação de sua palestra, Peter obser-

1. Peter Pál Pelbart é professor titular de filosofia na PUC-SP. Escreveu principalmente sobre loucura, tempo, subjetividade e biopolítica. Publicou *O Tempo não-reconciliado (Perspectiva)*, *Vida Capital (Iluminuras)* e mais recentemente, *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento* (n-1 edições), entre outros. Traduziu várias obras de Gilles Deleuze. É membro da Cia Teatral Ueinz, e coeditor da n-1 edições.

vou que “atualmente, as modalidades de resistência vital que mobilizam o corpo e o pensamento, inventam-se nos mais diversos domínios: nas ruas, nos parques, nas escolas, nos coletivos artísticos. Em meio a esses fluxos, como detectar as novas subjetividades que aí vão se desenhando?” Peter iniciou a sua palestra desenvolvendo uma teia de pensamentos para discutir o contexto contemporâneo por meio das ideias de poder, vida, resistência e subjetividade. Ao longo de sua fala, emergiram reflexões sobre o “poder sobre a vida” e as “potências da vida”², proposições que se entrelaçam como uma fita de Moebius. Se inicialmente suas leituras teóricas apresentaram um diagnóstico negativo e assustador (sim, o palestrante usou a palavra “medo”), posteriormente essas mesmas leituras demonstraram as possibilidades de ativações mobilizadoras e/ou transformadoras.

Para começar, Peter observou que o poder penetrou, violou e colonizou todas as esferas da existência – o corpo, o psiquismo, a imaginação, o inconsciente, a criatividade – e coloca-as para trabalhar em proveito próprio. O poder pode ser exemplificado como o capital, principalmente, mas também pode ser a ciência, o estado, a mídia etc. numa resposta mais genérica. Entretanto, o poder é muito mais “molecular do que essa palavra poderia deixar supor”, na medida em que é exercido de forma “esparramada” e “opera desde de dentro de nós de maneira imanente”. Um exemplo é a demanda insistente do chamado trabalho imaterial, que requer a inteligência, a criatividade, em vez das forças brutas. Outro exemplo é a capitalização de toda a vitalidade: consumimos estilos de ser, maneira de viver, formas de vida. Ou seja, tanto a produção como o consumo constituem “vampirização e comercialização das formas de vida que talvez expliquem uma parte da nossa claustrofobia contemporânea”.

Diante deste cenário, Peter explicou outra camada que se sobrepõe: quando parece estar “tudo dominado”, a vida revela sua “positividade indomável”. Ou seja, se o poder é exercido sobre a vida (biopoder), também recebe como resposta a biopotência (a potência da vida). Ambas as instâncias coexistem: a potência é imanente às condições do poder. Nesse viés, a produção do novo já não aparece como subordinada ou dependente do capital. Para pensar esta questão, o palestrante recorreu à ideia de força-invenção proposta pelo filósofo italiano Maurizio Lazzarato, que por sua vez baseou-se no francês Gabriel Tarde, que viveu no século XIX.

Produzir o novo é inventar novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. Todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer - novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem comum. Cada variação, por minúscula que seja, ao propagar-se e ser imitada, torna-se quantidade social, e assim pode ensejar outras invenções e novas imitações, novas associações e novas formas de cooperação. Nessa economia afetiva, a subjetividade não é efeito ou superestrutura etérea, mas força viva, quantidade social, potência psíquica e política. (PELBART, 2008, p. 37 e 38)³

Desse modo, Peter reconheceu a importância da força de invenção. Se todos são fonte de valor, cada parte da rede pode tornar-se vetor de valorização e da autovalorização. A partir daí, o palestrante citou uma série de casos que transpassam os prisioneiros, os índios e os loucos como exemplos em que as potências e as formas de vida são reinventadas. Em todo este contexto, perguntou-

2. Em seu livro *Vida Capital*, Peter retoma Toni Negri e Michael Hardt para afirmar que “(...)a lógica imperial do pós-moderno, com seu espaço liso e desterritorializante, removeu os últimos obstáculos para a subsunção real e total da sociedade ao capital. Foram varridos com isso os Estados-nação, a separação público/privado, a sociedade civil, instituições com função de mediação, e como nunca o bios social foi sequestrado. Mas, com isto, ao mesmo tempo, essa lógica pôs a nu as sinergias de vida, os poderes virtuais da multidão, o poder ontológico da atividade de seus corpos e mentes, a força coletiva de seu desejo, e por conseguinte a possibilidade real de ela apropriar-se dessa sua potência” (PELBART, 2003, p. 85).

3. Em seu livro *Vida Capital*, Peter retoma Toni Negri e Michael Hardt para afirmar que “(...)a lógica imperial do pós-moderno, com seu espaço liso e desterritorializante, removeu os últimos obstáculos para a subsunção real e total da sociedade ao capital. Foram varridos com isso os Estados-nação, a separação público/privado, a sociedade civil, instituições com função de mediação, e como nunca o bios social foi sequestrado. Mas, com isto, ao mesmo tempo, essa lógica pôs a nu as sinergias de vida, os poderes virtuais da multidão, o poder ontológico da atividade de seus corpos e mentes, a força coletiva de seu desejo, e por conseguinte a possibilidade real de ela apropriar-se dessa sua potência” (PELBART, 2003, p. 85).

-se como pensar a coexistência do poder sobre a vida e as potências da vida. Se é verdade que essa força-invenção está presente por toda parte, que novas redes de vida se desenham e se anunciam? Que novas possibilidades há de criar laços? Que novos modos de comunidade aparecem a partir daí? Que comunidades se insinuem? Que novos tipos de comum (considerando a proposição de Negri que difere massa – aquilo que é achatado e coagido pelo poder – de multidão – que tem a potência da pluralidade) aparecem?

Peter também permitiu-se um breve desvio para trazer os pensamentos de Beatriz Paul Preciado e suas proposições a respeito do “controle farmacopornográfico da subjetividade”. Preciado afirma que o pensamento dos filósofos italianos não incluem o que está abaixo da cintura e pergunta-se: e se a multidão fosse composta por corpos insaciáveis? E se o prazer da multidão fossem os motores de criação da economia contemporânea? Aqui Peter lembrou do embate metaforizado pela fita de Moebius que atesta que a “força orgásmica”, como diz Preciado, não pode ser considerada uma forma inerte e passiva à mercê de poderes. Se por um lado os poderes esmagam ou direcionam os desejos, ao mesmo tempo estes são livres de toda racionalidade, são rupturas de causalidade, cortes libidinais que não obedecem. E o pesquisador ressaltou que “há algo de intempestivo no desejo que são como máquinas de guerra, que vão inventando acontecimentos plurais”.

Por fim, Peter trouxe uma dimensão mais micro para a discussão a partir do grupo teatral Ueinz⁴, do qual participa há mais de 20 anos. Este grupo pode ser apresentado como composto “por pacientes e usuários de serviços de saúde mental, terapeutas, atores (...), compositores e filósofos, diretores”. Ou ainda: “No conjunto, há mestres na arte da vidência, com notório saber em improviso e neologismos; (...) caçadores de sonhos (..) Vidas por um triz se experimentando em práticas estéticas e colaborações transatlânticas” (UEINZZ, 2007). Este grupo coloca em cena as fronteiras onde arte e vida se confundem, uma possibilidade de criar espaços de penumbras com a esperança de que os vagalumes apareçam (considerando o pensamento de Didi-Huberman). Ou seja, trata-se muito menos de fazer obra e muito mais de experimentar mudar o valor das coisas. Retomando Hélio Oiticica, o palestrante afirmou que é preciso outro tipo de miscigenação entre razão e desrazão.

Para finalizar, Peter comentou que não vivemos mais os lugares privilegiados da invenção. Em certo sentido, isso nos dá um desamparo. E abro um parêntese para relembrar que a palestra e este relato foram escritos em março de 2016, um momento em que a realidade insiste numa claustrofobia política e social. Entretanto, Peter chamou a atenção para as brechas que estão virtualmente por toda parte, mesmo que muitas vezes o desejo esteja aprisionado. “Que dispositivos de percepção podemos inventar para prospectar e fazer disparar? Se a arte propicia dispositivos de invenção, como buscá-los em outros lugares e provocar curtos-circuitos na continuidade do pensamento?”

4. Para saber mais sobre o Ueinz, veja o texto Esquizocenia também de Peter publicado em : <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/Esquizocenia_peter%20pal%20pelbart.pdf>